

O ESQUADRÃO CAMY E A REDE CLANDESTINA NO CONGO-KINSHASA

Em memória dos milhares de heróis da Luta de Libertação Nacional. Na esperança de um reconhecimento aos poucos sobreviventes, hoje mais velhos e esquecidos.

Paulo Lara (*)

A odisseia do Esquadrão Camy é provavelmente das mais amargas de todo o período de Luta de Libertação angolana, se se tiver em conta não só o destino da maioria dos seus integrantes, mas sobretudo a possibilidade que possuía em alterar momentânea ou substancialmente a situação nas áreas das actuais províncias do Bengo e Kwanza-Norte e, subseqüentemente, na capital angolana.

O mês de Março ficou marcado pela homenagem feita a Deolinda Rodrigues, mulher de destaque na luta de libertação que, voluntariamente integrou uma unidade de guerrilha – o “Esquadrão Camy”.

Com a divulgação do Diário de Deolinda, mais dados surgiram para lembrar a façanha da unidade a que pertenceu, bem como daqueles que actuaram na clandestinidade em Kinshasa.

Após a independência de vários Estados africanos na década de 60, em 1963 é criada a Organização da Unidade Africana (OUA). A permanência ainda de países sob dominação colonial no continente, e a luta de libertação iniciada em alguns deles, levou aquela organização a concentrar nas suas mãos a coordenação do apoio destinado aos Movimentos de Libertação.

Em relação a Angola, foi decidido que fosse criada uma frente única englobando as diferentes organizações anticoloniais, sendo então reconhecida a FNLA, acabada de ser criada da união da UPA [União das Populações de Angola] e do PDA [Partido Democrático Angolano], como única Frente a lutar pela independência nacional.

O MPLA – saído de uma grave crise interna, parcialmente isolado face ao reconhecimento da FNLA/GRAE pela OUA – acaba por ser expulso da então República do Congo-Léopoldville. Instala-se então no Congo-Brazzaville, ainda neocolónia francesa com o Abade Fulbert Youlou como Presidente. Posteriormente, com o apoio do novo governo de Masmamba-Débat, instala-se em Brazzaville com um número significativo de quadros e inicia um amplo movimento de reorganização das suas estruturas. O principal objectivo visava o recrudescimento da luta armada nas áreas dos Dembos e de Nambuanguo, afectada agora com a falta de apoio desde o exterior, cuja única rota de abastecimento passava pelo território do então Congo-Léopoldville.

A partir de 1963, o Movimento inicia a realização de acções combativas numa segunda frente – Cabinda¹ – com utilização de pequenos grupos integrados por combatentes recentemente formados no Ghana, Marrocos e Argélia, para além de continuar a realizar acções em direcção aos Dembos.²

* *Oficial General das FAA e Antigo Combatente da Luta de Libertação Nacional. Está temporariamente dispensado para poder prosseguir os seus estudos. Dedicou-se simultaneamente à recolha de dados sobre a Luta Armada de Libertação - génese das Forças Armadas Angolanas.*

¹ Acção de Janeiro 63, nas áreas do rio Linhuca e Mboma Lusindo; Acção de Março do mesmo ano em Massabi; Janeiro 1964: Acções nas áreas de Miconge; Dezembro 64: novamente na mesma área; Setembro 65: Acção no rio Lombe (já com participação de instrutores cubanos).

² Acção de Abril 63 do Grupo “Esquadrão Vermelho”, posteriormente dizimado pela FNLA no vale do rio Loge.

Em Maio de 1965, quatro meses depois do encontro tido entre a direcção do Movimento e Che Guevara em Brazzaville, chegaria àquele país um contingente cubano – o batalhão “Patrice Lumumba”.³

Talvez com demasiada precipitação, em Dezembro do mesmo ano é tentada uma operação designada por “Operação Macaco”, envolvendo mais de uma centena de combatentes nas áreas de Sanga-Planície (Cabinda).⁴ Os resultados negativos desta operação reforçaram a ideia de manter as acções operativas em Cabinda com pequenos grupos e preparar maiores unidades para a Região dos Dembos e de Nambuangongo.

Entretanto, no Congo-Kinshasa, as alterações no governo congolês⁵ iriam afectar em certa medida as acções desenvolvidas pela FNLA. Mas em 1965, Mobutu, mais próximo de Holden que o seu antecessor, apoiado pelos EUA e a Bélgica, toma o poder. No entanto, a FNLA/GRAE⁶ vê-se neste período a braços com levantamentos de militares tanto na base de Kinkuzu, como no interior. Vários militantes daquele partido abandonaram as fileiras e, em Julho de 1964, este sofre um rude golpe com o abandono, em plena Conferência da OUA no Cairo, do seu “Ministro” das Relações Exteriores, Jonas Savimbi que, entre várias acusações, denuncia a inactividade daquela organização, o seu carácter tribalista, bem como a falta de vontade de conseguir uma unidade de todas as forças existentes para a luta anticolonial.

É neste contexto que, do outro lado do rio, se iam criando condições para reforçar de forma determinante as regiões dos Dembos e Nambuangongo, privadas de qualquer apoio substancial desde a saída do MPLA de Kinshasa em 1963.

O trabalho clandestino no Congo-Kinshasa

Durante o período compreendido entre 1966 e meados de 1967, a rede clandestina em Kinshasa, criada a partir da expulsão do MPLA em 1963, é reforçada com novos agentes, com o objectivo de garantir a passagem de material desde Brazzaville para Kinshasa, e daí para Songololo. A quantidade de material transportado, de alimentação e de outros meios eram não só destinados a apetrechar os três esquadrões (mais de 300 homens) que passariam pelo Congo, como ainda destinados aos combatentes do interior do país.

A rede existente no Congo-Kinshasa era chefiada por João Gonçalves Benedito⁷ e composta, ao que tudo indica, por dois grupos. Um actuando em Kinshasa, e outro actuando em Songololo. Para além destes dois grupos, foi infiltrada na capital uma agente que, fazendo-se passar por secretária de um rico comerciante português – o Sr. Castro – realizava igualmente trabalho clandestino

³ “Batalhão Patrice Lumumba” foi o nome dado ao contingente cubano que chegou ao Congo-Brazzaville, com o objectivo de treinar as milícias congolêsas e os movimentos de libertação, defender o Congo-Brazzaville no caso de uma possível agressão externa vinda do seu vizinho congolês, como também de servir de possível reserva às actividades de Che Guevara desenvolvidas a noroeste do Congo-Léopoldville. (J. Risquet – *História del Batallón Patricio Lumumba* e P. Gleijeses *Misiones en Conflicto*).

⁴ Tendo em conta que as acções eram então efectuadas por grupos de 20-30 guerrilheiros, a “Operação Macaco”, em que participaram uma centena de angolanos e quatro dezenas de cubanos, com emprego de artilharia, pode ser considerada como uma “grande operação”.

⁵ Depois da morte de Patrice Lumumba, Kasavubu passa a presidir ao Congo, tendo como 1º Ministro um amigo da FNLA, o sr. Adoula. Com a situação criada no Katanga e a rebelião do Kivu, os Americanos e Belgas decidem instalar Tshombé no poder, tirando-o do exílio em que se encontrava depois de ter perdido o controlo sobre a Província de Katanga. Em Outubro de 1965, Tshombé é exonerado por Kasavubu e em Novembro do mesmo ano, Mobutu faz um golpe de Estado e toma o poder. Em 1967 enfrentaria ainda um levantamento dos mercenários que se encontravam a seu soldo a noroeste do país.

⁶ Inicialmente designado por “Governo da República de Angola no Exílio” passa posteriormente a designar-se “Governo Revolucionário de Angola no Exílio” (Ver documentos de época).

⁷ Ver Biografia de João Gonçalves Benedito em anexo.

directamente subordinada à direcção do Movimento em Brazzaville. Tratava-se de Jovita Nunes, conhecida no Congo por “Mademoiselle Elizabete da Costa”.⁸

Em meados de Outubro de 1966 (dois meses antes da passagem do Esquadrão Camy) são presos em Kinshasa, Simão Nelumba e “Folhas Caídas”, e cerca de duas semanas depois, é raptado e preso o Comandante João Gonçalves Benedito.⁹ Dados indicam que foi severamente interrogado, mas não revelou nenhuma informação sobre o trabalho realizado pelos grupos de Kinshasa e Songololo,¹⁰ nem sobre o esconderijo de material. Efectivamente, até à passagem do Camy, nenhum destes elementos seria afectado, nem o material em Songololo tocado.

Luís de Azevedo¹¹ fazia constantes viagens entre Brazzaville e Kinshasa, transportando numa viatura Volkswagen com portas e fundos falsos, o armamento e munições.¹² Estes eram escondidos na casa clandestina do Grupo de Benedito e na do Tavares¹³ em Kinshasa,¹⁴ de onde eram postos em malões de ferro e transportados e entregues à Célula em Songololo,¹⁵ dirigida por José Pascoal – que, desde o tempo do CVAAR,¹⁶ trabalhava sob a capa de enfermeiro.

Paralelamente, Jovita, com um carro “Renault 16” igualmente acondicionado para transportação camuflada do material, fazia o mesmo trabalho que Azevedo, deixando o seu material em casa do referido comerciante português, que seguia directa ou indirectamente para Songololo.¹⁷

⁸ Entrevista de Jovita a 7 de Março 2004.

⁹ Zengo – *Tragédia Bomboko*, p.18. Entrevista com Coronel Monteiro e Comunicado do MPLA de Março de 67.

¹⁰ O grupo era constituído por João Lucas “Zengo”, [Gaspar Ramos] “Dimuka”, Monteiro, Domingos de Oliveira “Yayá” e Gordurosa (Dimuka é substituído por Magalhães Paiva “Nvunda” depois da passagem do Esquadrão Camy), Mário Leonel em Kinshasa, Marcelino Miranda e durante algum tempo o Dr. Vieira Lopes. Residiram clandestinamente no “Quartier Rankin, numa casa geminada (...) a cerca de 50 metros do Estádio Tata Rafael” (Zengo – *Tragédia Bomboko*, p. 20; Entrevistas a Nvunda e Monteiro).

¹¹ **Luís de Azevedo Júnior** - Membro do Comité Director e Responsável pelo Departamento de Relações Exteriores. Faz parte do 1º grupo do MPLA que, em Dezembro de 1960, se instala no então Léopoldville, onde já se encontravam Jordão [Aguiar], [António] Josias, Jorge Manteya Freitas e José Bernardo Domingos [Quioza] (relatório de Azevedo de 31.12.1960 em “*Um amplo movimento...*”; Artigo de J. D. Quioza no *Jornal de Angola* de 24/09/2001). Passou a ser o principal elo de ligação do MPLA com elementos congolezes (Kinshasa) que, a troco de dinheiro, facilitavam muitas vezes o trabalho clandestino. No livro de J. Risquet, Azevedo aparece como interlocutor dos Cubanos na preparação dos dois últimos Esquadrões. Posteriormente segue para a Frente Leste, mas devido a erros cometidos, principalmente na gestão financeira, será exonerado em 1968 (Dados recolhidos de diferentes fontes).

¹² Este material era preparado em casa do Dr. Eduardo Santos, então médico estagiário no Congo-Brazzaville, que pela sua função, vivia numa casa do Estado com um grande quintal, o que possibilitava a camuflagem do armamento nos carros de Azevedo e Jovita. Os Cubanos eram os principais fornecedores de material. O armamento era desmontado e seguia no fundo falso do carro, enquanto que as munições eram retiradas das caixas e eram espalhadas a granel no interior das portas dos carros. (Entrevista a Zengo, Nvunda e Jovita).

¹³ Tavares era um comerciante angolano residente em Kinshasa, possuidor de um bar, cuja residência também servia para fins clandestinos.

¹⁴ Em Kinshasa encontravam-se, entre outros, Dimuka (posteriormente substituído por Nvunda), Zengo, António Monteiro, Gordurosa, Domingos Oliveira, Tavares Ferreira, Miranda Marcelino, Kimakienda [Mateus Cadete], Dr. Vieira Lopes e outros (Entrevistas a Nvunda, Zengo e Monteiro).

¹⁵ Integram ainda o grupo de Songololo, Aleixo Pascoal “Gackson” e “Sangue do Povo” (Entrevistas a Nvunda, Zengo e Monteiro).

¹⁶ “Corpo Voluntário Angolano de Assistência aos Refugiados” criado pelo MPLA – dava assistência aos refugiados em território congolês.

¹⁷ Entrevista a Jovita de 7/03/2004. No semanário “Angolense” da semana passada [13 a 19 de Março].

O Esquadrão Cienfuegos

Em Maio de 1966, no território do Congo-Brazzaville, com o apoio de um grupo de Cubanos do “Batalhão Patrice Lumumba”, foi iniciada a preparação de uma centena de militares angolanos. Depois de quatro meses de treino, em meados de Agosto do mesmo ano, foi criada a primeira unidade com nível de “Esquadrão”¹⁸ – o “Esquadrão Camilo Cienfuegos”,¹⁹ composto por cerca de uma centena de guerrilheiros comandados por Jacob João Caetano “Monstro Imortal”,²⁰ que partia para a 1ª Região Militar (1ª RM).²¹



Guerrilheiros do Esquadrão Cienfuegos (Foto feita por Lúcio Lara – 1966).

Passando pelo território do Congo-Léopoldville, depois de 48 dias de marcha, este Esquadrão chegaria a Ngalama, na 1ªRM. A coluna teve um percurso sem grandes incidentes. Em princípios de Outubro, “Monstro” escreveu um Relatório que chegaria às mãos da Direcção do MPLA na primeira quinzena de Novembro.²²

No Relatório, “Monstro Imortal” considerava haver pouca presença de forças portuguesas e da FNLA nas áreas compreendidas entre Nambuangongo e a fronteira com o Congo. Concluía existirem condições para o alastramento da luta, deixando entender a urgência no reforço multilateral à sua Região.

O Esquadrão Camy²³

As informações optimistas provenientes da 1ª RM através do Relatório de “Monstro”, a abertura da 3ª RM do MPLA (Leste de Angola),²⁴ a solidariedade e apoio internacional mais activos,

¹⁸ Em Maio de 1966 é revista a organização político-militar do Movimento. A organização militar era constituída por unidades de tipo “Grupo” (até 10 guerrilheiros); “Secção” (três Grupos – 30 guerrilheiros); “Esquadrão” (cinco Secções – até 150 guerrilheiros) e “Coluna” (Cinco Esquadrões – cerca de 750 guerrilheiros). Os postos existentes, correspondiam ao tipo de unidade (Chefe de Grupo ou Secção; Comandante de Esquadrão ou Coluna). O território nacional estava dividido em Regiões Militares. Estas por sua vez, subdivididas em Zonas. Os Comandantes de Zonas tinham o Posto Militar equivalente a “Comandante de Esquadrão”, e os de Região, a “Comandante de Coluna”. (Guia do Responsável Militar – Matsendé – Julho 1966).

¹⁹ Nome dado à unidade em homenagem a um herói da revolução cubana.

²⁰ O livro de César Augusto “Kiluanji”: *Trajectória da vida de um guerrilheiro* relata com detalhes interessantes a história daquela unidade.

²¹ Em 1966, o MPLA decide dividir e numerar as suas Regiões de actuação: 1ª RM [Região Militar] – actuais províncias do Zaire, Uíje, Bengo, Kwanza-Norte, Malange e Luanda. Efectivamente as áreas dos Dembos e de Nambuangongo são as que estão “controladas”; a 2ª RM: Cabinda; a 3ª RM: Leste de Angola.

²² Ver extractos do Relatório em anexo.

²³ Para mais detalhes sobre o Esquadrão Camy, consultar L. J. Rodriguez *Heroínas de Angola* e Deolinda Rodrigues *Diário de um exílio sem regresso*.

²⁴ Em Maio de 1966 o MPLA iniciou as acções na Província do Moxico, em Kangala.

incentivaram a Direcção Político-Militar²⁵ desse Movimento a preparar outras unidades para reforçar a 1ª RM.

Uma vez mais, com o apoio de Cuba, em finais de Outubro de 1966 iniciava-se a preparação



O Esquadrão Camy em Kalunga (Foto do arquivo de Jorge Risquet).

de uma segunda unidade, composta por uma centena de homens e mulheres. Esta unidade, tal como a primeira, ficou directamente dependente do Presidente Agostinho Neto, que pessoalmente recebia os relatórios provenientes do seu Comando. Neto teve conversas separadas com alguns dos membros do Comando antes da sua partida, dando instruções directas a cada um sobre a missão que tinha que desenvolver.

Quase em simultâneo, e sempre na perspectiva de reforçar a 1ª RM, em

Novembro e Dezembro partem para Cuba, de barco, uma centena de quadros militares, para fazerem um curso de 5-6 meses, regressando ao Congo em Maio do ano seguinte.²⁶



Moisés Cardoso
"Camy"

Durante a preparação da unidade, Benigno Vieira Lopes "Ingo" foi nomeado Comandante e Anselmo João "Levski"²⁷ Comissário do Esquadrão. Deolinda Rodrigues, Lourenço Casimiro e Fernando Brica faziam parte do Comando e tinham entre outras, a missão de elaborar o diário das actividades.

O treino "foi muito rudimentar", diria o Comandante Ingo. Duraria somente dois meses e, no início de Janeiro, o Esquadrão receberia o nome de "Camy".²⁸ O Esquadrão tinha por missão chegar e reforçar a 1ª Região passando pelo território do Congo-Kinshasa, bem como estabelecer as comunicações por rádio com o "Centro" em Brazzaville.



Benigno Vieira
Lopes "Ingo" (Foto
feita por L. Lara,
1966).

²⁵ Desde princípios de 1966, a Direcção Político-Militar estava constituída por: Agostinho Neto – Presidente que coordena três Comissões Directivas (das 1ª, 2ª e 3ª RM), apoiado por uma "Comissão Militar" composta por: Henrique Carreira "Iko" – Coordenador; Lúcio Lara – Comissário Político Geral; José Mendes de Carvalho (da Comissão Directiva da 2ª RM), Gonçalves Benedito (Coordenador da Comissão Directiva da 1ªRM), Jacob João Caetano (da Comissão Directiva da 1ª RM). Tinha sido ainda criada uma "Comissão Especial" composta por Mateus Cadete "Kimakienda", Lúcio Lara e Gonçalves Benedito. (Apontamentos de L. Lara sobre a Reunião Alargada de Dirigentes – Fevereiro 1966).

²⁶ Entre os integrantes deste grupo destacam-se João Luís Neto "Xietu", Augusto Alfredo "Orlog" e seu pai, Rui de Matos, Bula e outros que viriam a integrar o 3º Esquadrão destinado à 1ª RM – o "Esquadrão Bomboko". (Apontamentos Conferência Orlog em 1980).

²⁷ **Anselmo João "Levski"** – Natural do Ambrizete. Fez um curso na Bulgária. Era membro do Comando da 2ª RM. Foi um dos integrantes do Camy que chegaria ao destino. Cinco anos depois, em 1972, aquando da tentativa de acordo entre o MPLA e a FNLA, com uma vintena de combatentes, tem por missão contactar as bases da FNLA próximas da sua Região. É detido e morto. (Dados recolhidos de diferentes fontes).

²⁸ O nome do Esquadrão é uma homenagem a **Moisés Cardoso "Camy"** – Natural de Ambrizete. Tinha feito a sua formação militar no exterior nos anos 1962-63. Integrou os efectivos que abriram a 2ª RM em Cabinda. Foi especialista em explosivos. Em 1965, ficou mortalmente ferido ao preparar uma armadilha. Era um combatente exemplar para os seus colegas (Dados recolhidos de diferentes fontes).

Teriam que passar o rio Zaire, de Brazzaville para Kinshasa e, de comboio ou de carro, chegarem a Songololo, receberem o material e seguirem para Angola.²⁹

Deveriam então caminhar mais de 300 Km até ao destino, passando por planícies e montanhas, bem como por uma meia dúzia de pequenos e grandes rios, entre os quais se destacavam os rios Mbridge e Loge. A relativa presença de forças coloniais e da FNLA na área seria uma ameaça a ter em conta, para além das prováveis doenças já registadas no Esquadrão anterior.

Integrantes do Esquadrão Camy

Na constituição da unidade, constata-se a preocupação da direcção do Movimento em aumentar o número de quadros para o interior mas também em afirmar ainda mais o carácter “nacional” da luta. Constata-se que não obstante a maioria do efectivo ser originária de Nambuangongo e dos Dembos, um número importante de quadros provinha de diferentes regiões do território nacional (Cabinda, Zaire, Benguela, Luanda), e de raças diferentes.³⁰ Mas a grande “revolução” foi a introdução, pela primeira vez, de cinco quadros femininos,³¹ algumas delas de origem cidadina, numa unidade de guerrilha numerosa e compacta, com uma missão de risco e de dificuldades.

²⁹ Songololo situa-se a 250 km por estrada de Kinshasa e a 20 km da fronteira com Angola. Fruto do trabalho realizado pelo CVAAR até 1963, e do trabalho que mantinham os enfermeiros que por lá permaneceram com os refugiados angolanos, era uma zona bastante favorável ao MPLA.

³⁰ De entre os quadros, encontravam-se Benigno Vieira Lopes (Luanda – mestiço), Lourenço Casimiro (Cabinda), João Marques Pimentel (Catete/Luanda), Deolinda Rodrigues “Langidila” (Catete/Luanda), Irene Cohen “Luzolo” (Benguela – mestiça), Rodrigues João Lopes “Ludy” (Zaire/Luanda), Fernando António Brica (Zaire), a maior parte com um nível de instrução médio ou superior, e com preparação feita no estrangeiro.

³¹ **Deolinda Rodrigues de Almeida “Langidila”** – Nascida a 10 de Fevereiro de 1939 em Catete. Com Hoji ya Henda e outros jovens, integra, nos anos 50, a organização juvenil da Igreja Evangélica [Metodista], organizando encontros com [futuros] destacados dirigentes como Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Américo Boavida e outros. Deolinda dirige um Boletim da Missão em que publicava poemas. Em 1959 recebe da Missão Evangélica uma bolsa para estudar sociologia no Brasil. Estuda igualmente nos EUA. Em 1962 segue para Léopoldville, sendo uma das responsáveis do CVAAR. Cria a estrutura da OMA e na 1ª Conferência Nacional do MPLA é nomeada Responsável pelo Departamento dos Assuntos Sociais. Em Brazzaville dá aulas e trabalha como locutora na “Voz de Angola Combatente” e posteriormente trabalha no CIR, em Dolisie. Desaparece com 29 anos.

Irene Cohen de Brito Teixeira “Luzolo” – Nascida no Lobito a 19 de Abril de 1939. Em 1960 enquadra-se na ANANGOLA (Associação dos Naturais de Angola). Em 1963 enquadra-se no grupo [católico] “Santa Cecília”. Esse grupo passou a estar ligado ao MPLA. Ingressa no MPLA em 1964 em Luanda, e em Maio, junta-se ao Movimento em Brazzaville. Realiza missões em nome da JMPLA no exterior. Em Brazzaville trabalha como Secretária do Comité Director e do Presidente A. Neto. Desaparece com 29 anos.

Engrácia dos Santos – Nascida em 1947, cresce em Luanda, mas segue com o tio para os Dembos. Em 1964 segue para o Congo. Faz o curso no CIR, em Dolisie, e é posteriormente escolhida para integrar o Esquadrão Camy, tendo por missão proceder à instrução nas áreas da 1ª Região. Desaparece com 21 anos de idade.

Lucrécia Paim – Nascida em Caxito a 16 de Outubro de 1939. Estudou enfermagem em Israel. Trabalhou na enfermaria de Dolisie onde foi seleccionada para ingressar no destacamento [Esquadrão Camy]. Desaparece com 29 anos.

Teresa Afonso – Nascida em Nambuangongo em 1946, onde fez os estudos primários. Desde jovem apoia a guerrilha. Em 1964 refugia-se no Congo-Léopoldville onde ingressou no MPLA. Em 1965 faz um curso no Centro de Instrução Revolucionária em Dolisie (Congo- Brazzaville). Desaparece com 22 anos.

Josefa de Assunção Gualdino – Faz todo o treino em Kalunga e no km 17 [Congo-Brazzaville], mas por motivo de doença não segue no Esquadrão. Ainda está viva.

A Marcha até ao Mbridge



Teresa Afonso, Lucrecia Paim, Irene Cohen “Luzolo”, Limbania Jiménez “Nancy” (cubana), Engrácia dos Santos, Josefa Gualdino, Deolinda Rodrigues “Langidila” (Foto do arquivo de Jorge Risquet).

Segundo o diário de Deolinda, o Esquadrão era composto, em Songololo, por 127 elementos, dos quais 84 guerrilheiros e 43 voluntários incorporados em Songololo. No entanto, não possuía nenhum médico, nem especialista em radiotelegrafia.³²

Havia urgência e impaciência no envio de reforço à 1ªRM. No entanto, nem toda a organização foi efectuada com o cuidado e responsabilidade que a importância da missão exigia.

Ao chegar a Songololo, onde se encontrava a logística, bem como populares escolhidos para apoiar na transportação dos meios, a direcção da unidade deparou-se com sérios

problemas de organização. O material anteriormente escondido, ainda continuava enterrado e em locais afastados uns dos outros. Parte deste material era inadequado à missão.³³ Esta situação, aliada ao facto de suspeitar terem sido descobertos aquando da travessia do rio Zaire, por terem passado todos ao mesmo tempo, fez com que o Esquadrão acabasse por partir de madrugada, deixando grande parte do material existente (armamento, explosivos, minas e outro material) em Songololo.

Iniciariam a marcha com uma centena de armas individuais (das quais 8 metralhadoras pesadas e 4 bazucas), muito poucas munições e explosivos e



Mapa 1 - Kamuna-Songololo-Kinkuzu-Kinshasa

³² Só temos conhecimento da presença de uma enfermeira - a Lucrecia Paim. O Comissário Levsky era formado em radiotelegrafia, mas não conhecia o modelo de rádio recebido. Devido à necessidade de “telegrafistas”, a Missão Cubana no Congo solicitaria que Havana dispensasse dois Angolanos que lá se encontravam a estudar. Não conseguimos ainda apurar se efectivamente chegariam a tempo de integrar a coluna. Mas pelos dados existentes, tudo deixa crer que tal não aconteceu. (Ver J. V. Risquet *Batallón Patricio Lumumba*, p. 200).

³³ Os meios para garantir a travessia eram escassos e inadaptados. As cordas existentes eram de sisal, já por si pesadas, duplicando de peso quando molhadas e não havia nenhuma bóia que garantisse a passagem do pessoal. A estação de rádio destinada a estabelecer o contacto entre Brazzaville e a 1ª RM, não possuía nem código de conversação, nem frequências de trabalho definidas. Por outro lado, funcionava com oito baterias (em vez do dínamo, mais adequado para zonas isoladas). Do material administrativo e de apoio que estava previsto encontrar, não só a quantidade era reduzida, como ainda a qualidade era má. (Entrevistas com Gen. Ingo (18/09/2003) e Gen. Ludy (28/02/2004)).

nenhuma mina anticarro ou antipessoal. Alguns responsáveis ficariam sem pistolas e parte dos voluntários sem armamento.

A alimentação levada só cobria 7 dias, e era composta por demasiadas conservas e poucos farináceos.³⁴

A escolha do pessoal para apoiar o carregamento do material também se tornou um problema. Grande parte estava doente, e alguns ofereceram-se simplesmente no intuito de roubar alimentação.³⁵

O diário de Deolinda é um valioso testemunho do desenrolar da marcha. As alegrias, divergências, preocupações, desalentos, coragem e tenacidade dos integrantes do Esquadrão são diariamente espelhados, para além do próprio estado de espírito da autora.

Pelo facto de terem iniciado a marcha com um guia diferente do da unidade, por um trajecto desconhecido, a coluna perdeu-se. Depois de 8 dias de marcha, iniciou-se a escassez de alimentação (conseguiam com muita dificuldade caçar animais selvagens), e apareceram os problemas com a sua distribuição. As doenças iam sendo cada vez mais frequentes.³⁶

No 6º dia, Deolinda torceu o pé e foi transportada de tipóia durante seis dias, tornando a marcha mais lenta. No 11º dia de marcha, um dos guerrilheiros (Moniz) foi ferido acidentalmente e passa igualmente a ser transportado de tipóia durante catorze dias.

No dia seguinte foram atacados pela UPA e perderam um dia procurando algum pessoal disperso. Desapareceu o guerrilheiro Talakanga.³⁷



Domingos Luís António
"Kolokié" (Fotografia
feita por L. Lara)

No 24º dia, pensando que já tinham superado os rios Mbridge e Loge, Coimbra (o guia) reconheceu finalmente o local onde estavam e deu-se conta de que nem sequer tinham cruzado o Mbridge.

Encontrando, no dia seguinte, um grupo proveniente da 1ª RM a caminho do Congo e chefiado por Kolokié [Domingos Luís António], Moniz (sempre de tipóia) e Adriano José Van-Dúnem regressariam com o mesmo a Brazzaville.³⁸

A 10 de Fevereiro de 1967, depois de 29 dias de caminhada e no 28º aniversário de Deolinda, o Esquadrão chegava ao famoso rio Mbridge. A exclamação de Deolinda no seu diário é reveladora da situação encontrada e do espanto: "8.40 - Chegada ao Mbridge. Nem tenho coragem de olhar isto que a malta chama um pequeno mar. Não posso mais com a fome hoje!".

A tensão no seio do Esquadrão tornava-se cada vez mais alta. Durante todo o decorrer da marcha, com excepção dos dias de chuva, tinham sido sobrevoados pela aviação.³⁹ As tentativas em estabelecer comunicação por rádio não tiveram

³⁴ O Comando acreditava chegar ao Mbridge em 7 dias, onde receberiam apoio alimentar da população da área. (Entrevista com Gen. Ingo (18/09/2003)).

³⁵ Entrevista com Gen. Ingo (18/09/2003).

³⁶ O Guia de unidade era o Sebastião Coimbra. (Testemunho de Gen. Ingo (18/09/2003) e Gen. Ludy (28/02/2004)). "Quando conseguiam caçar, apareciam problemas com a divisão da comida, porque tradicionalmente, o caçador ficava sempre com uma parte de destaque" explica Ludy, enquanto que Deolinda se refere ao problema de distribuição com os membros do Comando (*Diário*, p. 192).

³⁷ Mais tarde, o Gen. Margoso - ex-comandante do Exército de Libertação Nacional de Angola (da FNLA) que integrou posteriormente a guerrilha do MPLA, contaria ao Ingo ter participado nesse ataque. (Entrevista com Gen. Ingo (18/09/2003)). Talakanga seria detido dias depois pela FNLA. Presume-se que seja através da sua detenção que viriam a ser presos os elementos da rede de Songololo (José Pascoal, Aleixo Pascoal "Gackson" e Sangue do Povo), assim como descoberto o material que lá tinha permanecido.

³⁸ **Kolokié** tinha sido integrante do Esquadrão Cienfuegos, bem como trabalhado em Brazzaville. Era conhecedor do trajecto e seguia com 131 homens (segundo o *Diário*) à busca de material no Congo. Levou consigo dois integrantes do "Camy" (Moniz, ferido e Adriano José Van-Dúnem, com apendicite). Deixa 16 populares para ajudar a carregar os meios. Kolokié ainda está vivo.

³⁹ Nos 34 dias de marcha entre a fronteira e o Mbridge, são sobrevoados durante 12 dias pela aviação portuguesa (praticamente sempre que não chovesse), podendo se depreender que estes suspeitavam da

êxito. Apareciam contradições e vários sinais de desespero em certos combatentes. No entanto, pelo Diário, não se regista nunca qualquer ideia de abandono da missão. “O melhor cadeau (prenda) para este dia seria atravessarmos o Mbridge sem nenhum incidente. Oxalá: temos tido uma sorte até aqui!...”⁴⁰

Esta afirmação deixa-nos crer que era um pensamento geral de pessoas famintas e debilitadas, psicologicamente transtornadas e que, sabendo terem ainda meio caminho por enfrentar, mesmo depois de se depararem com o “pequeno mar” (exclamação de Deolinda perante o rio Mbridge), não pensavam em desistir.

É preparada uma jangada com os meios locais, mas logo na primeira tentativa de passagem, morria afogado mais um combatente.

Depois de uma semana de esforços para atravessar o rio, mantinham-se as dificuldades. Grande parte dos integrantes estava cada vez mais debilitada. Foi convocada uma reunião alargada e decidido fazer regressar os mais fracos, continuando o Esquadrão com 70 combatentes (44 guerrilheiros e 26 voluntários).

A Secção do Esquadrão Camy⁴¹



Rodrigues João Lopes “Ludy”

Provavelmente para dar mais segurança aos que foram indicados para regressar, e tendo em conta a confiança adquirida durante o decorrer da marcha, foi nomeado “Ludy” como chefe do grupo que deveria regressar.⁴²

Composto por 49 guerrilheiros e 7 voluntários, este inicia às 6.30 de 18 de Fevereiro a sua marcha de regresso ao Congo, depois de deixar grande parte do equipamento com o Esquadrão, Serão mais 12 dias de marcha até a fronteira, seguindo as pegadas do grupo do Kolokié que naquela altura já alcançara aquele ponto.

Segundo o diário de Deolinda, durante a caminhada morreram de fome 23 guerrilheiros e 2 voluntários.⁴³ Parte do armamento restante é enterrado antes de chegarem à fronteira.

existência de alguma força na área. Por outro lado, durante a sua caminhada, depararam com várias patrulhas do exército colonial na área. (Diário de Deolinda pp.182 a 193).

⁴⁰ Diário de Deolinda, p.193.

⁴¹ A designação de “Secção” é do autor, obedecendo às designações de unidades guerrilheiras e tendo em conta a sua capacidade combativa. No entanto, no decorrer da marcha, com o enterro das armas e a incapacidade física, passaria a ser simplesmente um grupo de pessoas em marcha, com um chefe.

⁴² **Rodrigues João Lopes “Ludy”** integra a UPA em Abril de 1961 em Léopoldville, ficando inicialmente enquadrado na Liga Geral dos Trabalhadores Angolanos (LGTA). Regressou posteriormente a Angola. Dois anos depois seguiu para Kinkuzu onde fez o treino militar e trabalhou nos serviços administrativos. Com Kalundungu (Comandante das forças do ELNA) participou num movimento de revolta contra Holden. Decide posteriormente juntar-se ao MPLA. Perseguido, e depois de estar preso nas cadeias congolenses de Kinshasa, alcança Brazzaville em princípios de 1966. Em finais desse ano foi designado para integrar o Esquadrão. (Entrevista com Gen. Ludy, 28/02/2004). Ludy é nomeado logístico do Esquadrão. Até ao dia 14.02, Deolinda refere-se sempre ao “Lopes” que exerce efectivamente tarefas de logística. Concluímos ser a mesma pessoa. A sua actividade é mencionada nas pp.181-183, 191-192, 195-196. Justificam-se as razões apresentadas no Mbridge para a sua designação à frente do grupo, tendo em conta a capacidade física e preocupação demonstrada até lá.

⁴³ Diário de Deolinda, p. 208.

A marcha foi uma tragédia. Já famintos e intoxicados por algumas plantas venenosas ingeridas no Mbridge, dia após dia, os membros do Grupo iam sucumbindo de fome. As mortes de Brica e de Mabilia foram das mais difíceis de suportar.⁴⁴ Ludy, alertado do atraso deles, regressa e encontra-os exaustos e sem forças para continuar. Estes pediram-lhe que não atrasasse a marcha do Grupo e os deixasse no local. Nunca mais seriam vistos.

A 1 de Março teriam chegado 15 sobreviventes à fronteira, onde um camponês lhes facultou alimentação em troca de mantimentos.⁴⁵

No dia seguinte, seriam enganados pelo mesmo camponês que lhes indica o caminho errado para Songololo (aonde pretendiam encontrar-se com José Pascoal, sem saber que já estava detido em Kinkuzu). O caminho indicado levou-os para Kamuna – vila totalmente controlada pela FNLA.⁴⁶

Perante a situação, o chefe do grupo decidiu separar o efectivo para facilitar a sua movimentação e seguir sozinho, atendendo ao facto de ser conhecido na área pelos elementos daquela organização.

As raparigas, ao passar por Kamuna foram surpreendidas e detidas, e logo de seguida transferidas para Kinshasa. Ludy, conseguindo não ser detectado em Kamuna, alcançou Songololo e, escondendo-se no comboio, chegaria a Kinshasa. Encontra-se com Azevedo e Nvunda que o fazem passar para Brazzaville. Dias mais tarde, aparecia igualmente em Kinshasa o Oliveira António Ramos, que confirmaria a prisão das guerrilheiras.⁴⁷

Deolinda escreveria dois dias antes de ser detida: “O Lopes especialmente, e as moças guerrilheiras sobreviventes da tragédia Kamy, deviam ser realmente condecoradas”.⁴⁸



Fernando Brica e José Mendes “Henda”
(Arquivo Lúcio Lara, oferecida por “Tixico”)

⁴⁴ **Fernando António Brica** - Integrou a luta de libertação em 1961. Fez parte do Grupo de Tomás Ferreira que entrou no interior em Abril 1961. Em Novembro de 1961 seguiu para a Checoslováquia. Foi designado Comissário do Centro de Instrução Revolucionária (CIR) na 2ª RM. (Entrevista com Gen. Ingo (18/09/2003)).

⁴⁵ Ludy também refere o mesmo número. No entanto, o cálculo efectuado na agenda de Deolinda, assim como futuros comunicados do Comité Director do MPLA, contradizem este dado. Dos elementos pertencentes ao Camy, referidos no Comunicado do CD do MPLA de Fevereiro de 1968, são referenciadas as prisões de Júnior Lopes, Domingos Augusto, Bunga João, Francisco Monteiro, todos eles da Secção do Camy, não mencionados nos 15 nomes da lista de Deolinda. Oliveira António Ramos também não consta na lista e ainda está vivo. Por outro lado, no mesmo dia 28/02 do Diário [Deolinda] mencionava “Hoje somos:...” e nomeia 15 pessoas, mas logo a seguir faz um cálculo e apresenta um “Bilan Provisório” de 26 guerrilheiros e 5 voluntários (Diário de Deolinda, pp. 206 e 208).

⁴⁶ KAMUNA era uma pequena vila situada a cerca de 10 km a oeste de Songololo. À diferença de Songololo, era dominada por simpatizantes e militantes da FNLA.

⁴⁷ Entrevista com Gen. Nvunda (03/03/2004), Vice-Alm. Zengo (04/03/2004) e Cor. Monteiro (05/03/2004).

⁴⁸ Mais uma vez surge a questão do nome. Na lista nominal dos 15 sobreviventes da marcha de regresso, referidos no Diário de Deolinda, existem dois “Lopes”: Rodrigues Lopes (Ludy) e Lopes Júnior. Analisado o Diário, constata-se que durante os diferentes dias de marcha a partir do Mbridge, a pessoa mais activa do grupo é o Ludy (busca de alimentação, regresso à busca de camaradas atrasados,...). No dia 19/02 Deolinda anota que “Brica e Mabilia querem que Lopes vá buscá-los” e no dia seguinte refere “Ludy foi levar comida, água e coconotes ao Brica” - pode subentender-se ser a mesma pessoa. O nome “Lopes” é simplesmente referido nos dias 21, acalmando uma discussão, no dia 26/02 por ter piolhos, no dia 28 em que Deolinda analisa a sua actuação e no dia 1/03 quando contacta com o camponês e depara-se com Kamuna. A actividade de Ludy é referida a 18/02 (indo à busca de alimentação), no dia 19 (derrubando uma palmeira e indo procurar mais



Panfleto editado em 1967 sobre as cinco mulheres do Camy detidas pela FNLA

A Direcção do Movimento exerce uma forte pressão internacional, principalmente junto das autoridades do Congo e dos países membros da OUA.⁴⁹ Fruto desta pressão e da forma prepotente de actuação da FNLA no território congolês, alguns governantes expressariam oficialmente a sua preocupação. É o caso do Ministro do Interior e dos Assuntos Costumeiros da República Democrática do Congo, Etienne Tshisekedi que, dirigindo-se ao Ministro das Relações Exteriores Justin Bomboko, condenaria a prisão das cinco mulheres, denunciaria a colaboração do Exército Congolês nas detenções e terminaria a sua carta considerando “inadmissível que um Governo no exílio possa, no nosso solo, comportar-se como se não tivéssemos as nossas instâncias judiciais...”⁵⁰

Esta pressão do governo congolês, aliada à pressão da OUA e até das Nações Unidas, fariam com que durante mais de um ano ainda se mantivessem presas as cinco heroínas. O último sinal até ao momento conhecido é o do poema “Inquirindo”, mais uma vez de Deolinda, escrito em Março de 1968: “(...) prostituta mulher metida em política/ Aqui estou etiquetada disso/ inquirindo o fim deste pesadelo/ inquirindo/ cada vez que soa o passo bruto/ ronca o jeep militar/ a corneta toca formatura geral/ colocam-me o guarda à porta/ será o pelotão do talho?”⁵¹

alimentação), a 20 (partindo logo de manhã à procura de Brica), a 22 (vencendo “a hesitação inicial de adiantar o caminho”), a 28 (novamente procurando alimentação), a 1/03 (“desvairado” e “atrapalhado” quando se apercebe da presença de elementos da UPA). Baseado no Diário e nas entrevistas feitas (que afirmam Ludy ser a pessoa que se encontrava em melhores condições físicas e poucos se recordarem da actividade de Lopes Júnior), consideramos poder ter havido a possibilidade de Deolinda utilizar diferentes nomes para a mesma pessoa, ou seja que o Lopes referido fosse o mesmo Ludy. (Diário de Deolinda, pp. 198-201; 205-208; 210-211). Mas mesmo que não o seja, não deixa de estar referenciada a atitude que teve durante a marcha de regresso.

⁴⁹ Analisando alguns dos vários comunicados públicos feitos pelo MPLA que denunciavam as diferentes execuções, prisões e fuga dos seus militantes, sabe-se que até Fevereiro de 1968 teriam sobrevivido e conseguido fugir para Brazzaville Simão Major, Monteiro e Paiva. Estariam presos, em Kinkuzu, Costa Mussunda, Gomes Miranda, Bunga João, Domingos Augusto, Manuel Gaspar, José Manuel Gonçalves (“Sete-sete”). Faz igualmente referência a António Ramos, mas este conseguiria passar para Brazzaville (Comunicado do CD do MPLA de Fevereiro 1968).

⁵⁰ Ver carta em anexo.

⁵¹ Deolinda Rodrigues, *Diário de um exílio sem regresso*, p. 244.

Chegada à 1ª Região Militar

O Esquadrão Camy, com Ingo e Levsky, continuou a sua caminhada para a 1ª RM. Depois de uma “preparação tradicional” e de vários dias permanecidos no Mbridge esperando a travessia de todo o efectivo, passaram pelas áreas do Bembe, Mabaja, Nova-Caipemba e atravessaram ainda os rios Lúfua, Lué e Loge.⁵² Nas áreas do rio Lué foram emboscadas por forças da FNLA e na região de Quissala têm um forte e longo combate contra as forças coloniais.⁵³

Mais de dois meses e meio depois terem deixado o Congo-Kinshasa, dos 84 guerrilheiros e 43 voluntários que compunham o Esquadrão à partida, chegariam 21 guerrilheiros a Ngalama, na 1ª RM, a 3 de Abril de 1967. Desde o rio Mbridge morreriam de fome, em combate e até por suicídio, 17 guerrilheiros e um número não registado de populares voluntários.⁵⁴

O papel desempenhado pelo Comando foi de extrema importância para o cumprimento desta missão, sendo de destacar principalmente os de Ingo e Levsky. Os registos de Deolinda demonstram a constante preocupação na resolução dos problemas surgidos de forma colectiva, como se impunha numa missão com aquelas características. As várias reuniões do Comando, por um lado, e com todo o efectivo por outro, são demonstração do método de direcção empregue no Esquadrão. O comandante Ingo destaca-se pelo seu exemplo, não só na participação



Mapa 2 - Trajecto do Esquadrão Camy até à 1ª Região

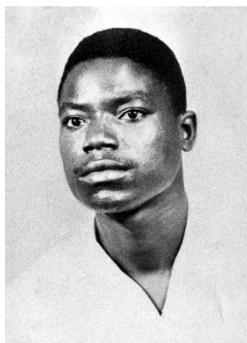
directa na criação de condições para passar os diferentes rios, mas também no carregamento das tipóias (que davam por vezes direito a discussões), na direcção dos combates, como na busca de combatentes desaparecidos. Duro nos momentos críticos, não foi capaz de conter a sua emoção quando foi necessário decidir o regresso de parte do efectivo. Coube esta tarefa ao Comissário Levsky que acabou por dirigir a mais difícil reunião realizada – a de mandar regressar parte do efectivo. Levsky parece ter estado à altura não só da sua função de Comissário, mas da de adjunto principal do Comandante. Para além da tarefa de radista que o obrigava a permanentes tentativas de estabelecer as comunicações com o Centro, nos momentos de descanso. Como o Comandante, participou

⁵² Antes de atravessarem o rio, todos os combatentes (incluindo o Comandante) submeter-se-iam a uma “preparação tradicional” com vista a garantir o êxito da missão (Entrevista Gen. Ingo (18/09/2003)). A travessia do rio Mbridge estava dificultada pelo estado físico dos integrantes da coluna, pelo caudal do rio, mas também pelo tipo inadequado de cordas. Só na travessia morreriam 15 elementos.

⁵³ Neste combate morrem vários combatentes, destacando-se Moisés Congo que, durante o combate contra as forças coloniais, na região de Quissala, já ferido, continuou combatendo, utilizando a última bala para se suicidar (Entrevista Ingo (18/09/2003) e Limbania J. R. *Heroínas de Angola*, p. 68)

⁵⁴ Entraram em Angola a 13 de Janeiro (Diário de Deolinda) e 79 dias depois chegam a Ngalama (Limbania J. R. *Heroínas...* p. 68). O suicídio foi o de Moisés Congo. Presentemente, dos que chegaram à 1ª Região, sabe-se que ainda estão vivos Ingo, Paulino, Paulo e Coimbra (Entrevista Ingo).

activamente em todas as actividades do Esquadrão e soube, nos momentos mais críticos, conter as indisciplinas e desânimos surgidos.⁵⁵



Anselmo João "Levsky"
(Fotografia feita por L.
Lara)

Não obstante todas as dificuldades e reveses, o Esquadrão Camy cumpriu com a sua missão. Chegou e integrou-se na 1ª RM, vindo a imprimir aí mais força e dinamismo.

Em Junho de 1967, um terceiro esquadrão – o Esquadrão Bomboko – com mais quadros e material que o anterior e com uma muito melhor preparação, tentaria chegar à 1ª RM utilizando a mesma rota. É detido em Songololo pelas autoridades congolezas que libertariam os seus integrantes mas confiscariam todo o material letal.⁵⁶

Em Fevereiro de 1968 viria a realizar-se uma Conferência Regional das 1ª e 2ª Regiões Militares, onde foram analisados os erros cometidos e tomadas algumas medidas com certos responsáveis.

Causas e consequências da tragédia

Sem dúvida que as dificuldades impostas pelo Governo de Mobutu e pela FNLA a um dos Movimentos de Libertação, foram as causas principais dos reveses registados. Uma utilização aberta do território do Congo-Kinshasa teria permitido organizar e garantir a missão com muito mais calma, ponderação e acompanhamento, evitando os vários desaires havidos.

Mas fica evidente que se registaram erros do próprio Movimento cujas causas continuam ainda parcialmente desconhecidas.

O nível e preparação dos quadros existentes na direcção do MPLA e do Esquadrão e a colaboração da Missão Cubana no Congo tornam questionáveis os erros de planificação e de direcção que se verificam durante a operação, como por exemplo o escasso tempo de treino militar do efectivo (2 meses), a introdução de um rádio desconhecido e funcionando com baterias, a falta de previsão das consequências de uma marcha em período chuvoso, a desorganização no armazenamento e entrega do material e da alimentação, a falta de um médico,⁵⁷ a mobilização indiscriminada do pessoal voluntário para integrar a coluna, a falta de preparação dos guias, a inexistência de alternativas de orientação topográfica...

Provavelmente as múltiplas tarefas existentes naquela altura tenham contribuído para que não houvesse o suficiente acompanhamento desta missão.⁵⁸

A odisséia do Esquadrão Camy é, provavelmente, uma das mais amargas de todo o período de Luta de Libertação angolana, se se tiver em conta não só o destino da maioria dos seus integrantes,

⁵⁵ Ver Diário de Deolinda. Sobre o Comandante Ingo: pp. 180-181, 184, 186, 188-189, 193 e 197. Sobre Comissário Levsky: pp. 183, 185, 190 e 197.

⁵⁶ Para mais dados sobre este último esquadrão que se transformaria posteriormente em "Esquadrão Benedito", ver "Zengo - Tragédia Bomboko - Luanda 1998, e entrevista de Jovita (07/03/2004).

⁵⁷ Pensamos que a falta de integração de um médico esteja motivada pela redução drástica do número de médicos inicialmente existente, que tinham abandonado o Movimento no período da crise de 1963. Posteriormente muitos deles foram se reincorporando e, já na Frente Leste, verificou-se uma presença de destaque dos mesmos no interior do país. O Dr. João Vieira Lopes era dos poucos médicos ao serviço do MPLA na altura, e chefiava os Serviços Médicos (SAM), coordenando simultaneamente a rede do CVAAR existente no Congo-Kinshasa.

⁵⁸ Preparava-se já um outro Esquadrão no Congo Brazzaville, destinado à mesma Região. Simultaneamente, com a abertura da Frente Leste, a direcção estava implicada na organização duma região totalmente nova, num terreno e em condições substancialmente diferentes. Por outro lado, iniciava o grande movimento de pessoal do Congo para a Tanzânia e Zâmbia.

mas sobretudo a possibilidade que possuía de alterar momentânea ou substancialmente a situação nas áreas das actuais províncias do Bengo e Kwanza-Norte e, subseqüentemente, na capital.

Estavam criadas condições favoráveis não só para o desenvolvimento progressivo da luta na 1ª RM, mas também para o incentivo e a generalização da mobilização da camada juvenil camponesa da região e, sobretudo, da juventude da capital, distante a menos de 150 km da área insurreccional.

As condições favoráveis eram principalmente:

- a quantidade de quadros político-militares;
- a quantidade e qualidade dos meios letais transportados;
- as dificuldades de controlo territorial por parte das forças coloniais naquele momento;
- a falta de operatividade da FNLA;
- o aumento do apoio internacional;
- a generalização da luta com a abertura de uma nova frente no leste do território;
- o início da pressão político-militar na Guiné-Bissau pelo PAIGC.

Seguramente que, com mais dados e com uma análise mais ponderada, se poderão determinar com maior objectividade as possíveis consequências que decorreriam da chegada deste e dos demais esquadrões, com toda a sua capacidade combativa.

Hoje, passados trinta e sete anos, alguns jovens poderão considerar que se registaram em Angola outras situações semelhantes durante as diferentes guerras, com histórias possivelmente ainda mais dramáticas. No entanto, a tragédia do Camy diferencia-se de outras, entre vários aspectos, pelo contexto nacional e internacional existente, por se ter registado nos primórdios da Luta de Libertação, numa altura em que eram poucos os quadros envolvidos na mesma, era incipiente a experiência militar no interior do país, e muito limitados os apoios em meios letais.

Estando presentemente os principais protagonistas com mais de 60 anos, e reunidas as condições mínimas para uma análise “mais fria” das diferentes etapas da Luta de Libertação Nacional, com os seus grandiosos, péssimos, dolorosos, heróicos mas sempre históricos momentos, torna-se urgente dar-se a devida importância à recolha de depoimentos, de documentos e de fotografias dos Antigos Combatentes, seja qual for o Movimento de Libertação ou Partido a que tenham pertencido. Esta tarefa impõe-se, da mesma maneira que o reconhecimento, de facto, da acção desta geração, aos que efectivamente estiveram empenhados na luta anticolonial.

Está-se, presentemente, a conseguir “reunir a grande família angolana”. É o que todos almejamos há vários anos. No entanto, sem paixões e preservando sempre a nossa unidade e o clima de paz, impõe-se aproveitar a existência dos participantes na Luta de Libertação para se recolherem os contributos necessários para uma futura análise histórica do sucedido.

E nesta altura em que festejamos uma data que coincide com a odisseia de centenas de combatentes, é oportuno render-se a devida homenagem não só aos integrantes do Esquadrão, cuja bravura se tentou aqui relatar, mas também àqueles que, na clandestinidade em Kinshasa, Songololo e outros locais (muitos deles posteriormente presos, torturados e até mortos) souberam, durante um longo período, desenvolver com êxito o seu trabalho e, quando presos e torturados, manter o segredo sobre as redes clandestinas, residências e esconderijos existentes, tendo permitindo o abastecimento aos três destacamentos que passaram pelo Congo-Kinshasa.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos aos Generais Benigno Vieira Lopes “Ingo”, Ludy Kissassunda e Fernando Magalhães Paiva “Nvunda”, ao Vice-Almirante João Lucas “Zengo”, ao Coronel António Monteiro Manuel e à Jovita Nunes pela prestimosa contribuição; a Piero Gleijeses e a Nancy pelos documentos facultados. Os agradecimentos igualmente àqueles que contribuíram grandemente com informações, mas que preferiam manter o anonimato, e aos que me apoiaram na realização deste trabalho.

OBSERVAÇÕES

1- Este trabalho não persegue nenhuma ideia partidária. Pretende ser um estudo, o mais objectivo possível, da Luta Armada de Libertação Nacional, independentemente das visões partidárias existentes;

2- Quisemos aproveitar a data, para publicar este artigo. Esta urgência não nos permitiu contactar mais actores directos e indirectos deste período, independentemente do lado em que estivessem (e estejam). Pedimos as nossas desculpas, esperando ter ainda outras oportunidades.

3- Entretanto, estamos receptivos a qualquer contribuição que possa enriquecer, ou até corrigir os dados aqui referidos.

BIBLIOGRAFIA [E OUTRAS FONTES]:

Augusto, César “Kiluanji” - *Trajectória da vida de um guerrilheiro*. Luanda: Editorial Vanguarda - Colecção Resistência, 1990.

Gleijeses, Piero - *Misiones en Conflicto: La Habana, Washington y África 1959-1976*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 2002.

José Domingos Quioza - "Subsídio para a História de Angola II" - *Jornal de Angola* de 24/09/2001.

Júnior, Paulo Miguel - *Lembranças da Vida*. Luanda: Edição do Autor, 1998.

Lara, Lúcio - *Um amplo movimento...: Itinerário do MPLA através de documentos e anotações de Lúcio Lara*. Vol. 1 - Luanda: Edição Lúcio e Ruth Lara (2ª edição), 1998.

Lara, Lúcio - Apontamentos pessoais.

Mabeko-Tali, Jean-Michel – “Revolução, Milícias, Guerras civis e democracia no Congo: A longa e conturbada caminhada política pós-colonial do Congo-Brazzaville” - Intervenção na Semana científico-pedagógica do ISCED da Univ. Agostinho Neto (Fevereiro 1998).

Marcum, John - *The Angolan Revolution: The Anatomy of an Explosion. Vol. I: 1950-1962*. Massachusetts, The MIT Pres, 1969.

Marcum, John - *The Angolan Revolution: Exile Politics and Guerrilha welfare. Vol.II: 1962-1976*. Massachusetts, The MIT Press, 1978.

Risquet Valdés, Jorge - *El segundo Frente del Ché en el Congo: Historia del Batallón Patricio Lumumba*. La Habana: Editora Abril, 2000.

Moser, Pierre A. - *La Révolution Angolaise*. Tunis: Sociéty l'Action d'Edition et de Presse, 1966.

Pacavira, Manuel Pedro – *O 4 de Fevereiro pelos próprios*. Luanda: Editorial Nzila, 2003.

Rodrigues, Deolinda - *Diário de um Exílio sem Regresso*. Luanda: Editorial Nzila, 2003.

Rodríguez, Limbania Jiménez “Nancy” - *Heroínas de Angola*. La Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1985.

Zengo - *Tragédia Bomboko*. Luanda: Edição do Autor, 1998.

Entrevistas:

General Benigno Vieira Lopes”Ingo” 18/09/2003

General Ludy Kissassunda 28/02/2004

General Magalhães Paiva “Nvunda” 03/03/2004

Vice-Almirante João Lucas “Zengo” 04/03/2004

Coronel António Monteiro Manuel 05/03/2004

Jovita Nunes 07/03/2004

ANEXO 1

EXTRATOS DO RELATÓRIO DE JACOB JOÃO CAETANO “MONSTRO IMORTAL”⁵⁹



Jacob João Caetano “Monstro Imortal”

Angola, 8 de Outubro de 1966

Ao Comité Director do MPLA

(...) A nossa marcha está considerada como a mais feliz de toda a Revolução. Não houve nenhum encontro com o inimigo.(...) Depois de sairmos do rio Mpozo já não tínhamos nenhuma alimentação porque o que levávamos era insuficiente. As montanhas eram grandes obstáculos no avanço da coluna. Por isso é bom dizer que, caso nos encontrassem, não havia condições físicas na coluna para poder responder a um ataque.

(...) Alguns elementos ficaram com os pés inchados, assim como a cara, por falta de sangue. Esperamos que a segunda parte da coluna seja despachada com suficiente comida, incluindo farinha de mandioca, açúcar, café, sal, leite, etc...

Situação do inimigo e do terreno

Durante o período de marcha, fez-se um importante estudo do terreno:

1- Existem condições favoráveis para instalação de núcleos guerrilheiros entre a **linha fronteira que vai do norte a São Salvador**. Há montanhas, vegetação (...) bem profundas.

2- Neste sector, a UPA opera efectuando patrulhas à busca de rastos e perseguindo os elementos que entram para o interior. Por parte dos portugueses, esses fazem de vez em quando as patrulhas de vigilância fronteira e emboscadas lá onde encontram pisadas dos que se refugiam no Congo, ou em pontos importantes de infiltração.

3- **Entre as duas estradas de São Salvador a Noqui, São Salvador a Ambrizete**, a situação inimiga é quase a mesma; os portugueses neste sector só fazem patrulhas esporadicamente e a UPA já não existe. Nota-se a frequência de postos portugueses inimigos ao longo da estrada para vigiar os caminhos de trânsito dos nacionalistas. O terreno é importante, possui grandes pedras que podem servir de abrigo e podemos citar como por exemplo a pedra de Nzuaive onde passamos a noite.

4- **Da estrada de São Salvador até ao Ambrizete**, há um sector que parte desde esta última até ao rio Mbridge com uma área muito plana. Informo que o Movimento inimigo verifica-se mais nos meses de Junho a Setembro, época em que as árvores perderam as suas folhas, estes ficam uns nos morros e outros nas montanhas.

5- **Mbridge-Loge**. Terreno bastante arborizado e montanhoso. A UPA desapareceu. O único vestígio de algum africano que aí podemos encontrar foi o de um popular. Patrulhas portuguesas, de vez em quando. Tem condições favoráveis para a instalação do grupo guerrilheiro não obstante a falta de populares. Mas do ponto de vista táctico e estratégico, o terreno é importante.

6- **Rio Loge. Estrada de Nambuongo**. Sector sob o controlo de António Fernandes e António Panzo da Glória. Este é o terreno mais perigoso, terreno que todos os elementos ou militantes do MPLA detestam. Quando a coluna atravessou este sector, verificamos a fuga de muitos homens da UPA e entre eles António Panzo da Glória. A nossa presença obrigou-os a libertarem os camaradas

⁵⁹ Este relatório é retirado do livro de Jorge Risquet Valdés *El segundo frente del Che en el Congo – Historia del batallón Patricio Lumumba*. Casa Editora Abril, 2000. Havana-Cuba. O documento é uma tradução do português para espanhol. O relatório foi enviado a partir de Brazzaville pelo Comandante Manuel Piñeiro para Osmany Cienfuegos – da Comissão de Relações Exteriores de Cuba em Havana, a 24 de Novembro de 1966. Parece-nos que a tradução do Relatório original para espanhol contém algumas lacunas. Muito provavelmente, também tenha acontecido ao voltar-se a repor em português. No entanto pensamos estar salvaguardada a análise feita pelo autor.

que estavam detidos tais como o Presidente do Comité de Acção e alguns dos seus subordinados. Um deles era o Camarada Sebastião, portador de material para o interior.

Neste sector, descobrimos que os portugueses operam destruindo todas as plantações do povo, depois dos aviões lançarem produtos químicos sobre as mesmas.

7- Quanto à política do MPLA, temos grande influência junto das massas não obstante tudo o que fazem os colonialistas portugueses. Estes aumentam a sua repressão contra a população na mata, destruindo ainda os seus meios de subsistência nas aldeias e cidades. As operações são feitas nas lavras e geralmente ali onde se regista a presença da resistência popular: Ngalama vive a amargura de falta de alimentação. (...)

Necessita-se de material de guerra, sanitário e escolar urgentemente. Os nossos delegados devem ser bem tratados quando chegarem ao Congo. Podem informar-nos através do código do tipo que tenho e que o Johny conhece. Basta dizer “Hospital Cheio de Camaradas Doentes”. Escutando isso sei logo que tenho de fazer provas para o exterior de Cabiri ou Golungo-Alto.

Sempre Camarada

Comandante Camilo (Monstro)

ANEXO 2

JOÃO GONÇALVES BENEDITO



João Gonçalves Benedito

O João Gonçalves Benedito, também conhecido por “Johny Fletcher Mukumba”, nascido em 1927 em Luanda, filho de um ferroviário, esteve dois anos num seminário católico antes de servir na administração colonial como elo de ligação entre as empresas cafeícolas de Nambuanguo e a sede em Luanda. Toma contacto com a actividade clandestina em Luanda depois de tomar conhecimento do panfleto “Viva Angola! Viva a Rainha Ginga! Angolanos Acordem!”. Já referenciado em 1959 como dirigente de células clandestinas em Luanda a partir de Nambuanguo. Nos anos 60 está referenciado pela Pide como elemento subversivo.

Em Janeiro 1961, organiza e mobiliza as populações nas áreas de Nambuanguo para a insurreição, ensinando o manuseio e construção de armas (bombas incendiárias) com garrafas de óleo de palma, gasolina, etc..).

Durante a revolta de Março, em coordenação com outros Comandantes, dirige a ocupação das fazendas de Nambuanguo e liberta uma vasta área a norte da actual província do Bengo, enquanto sucedia o mesmo nas áreas das actuais províncias do Uíge e Zaire.

Meses mais tarde, face à ofensiva das forças coloniais que levaria à perda de alguns dirigentes nas áreas de Úcuá e à reocupação das áreas libertadas, perante a falta de armamento para contrapor à ofensiva, Benedito segue com cerca de uma centena de jovens para o Congo-Léopoldville. Apresenta-se inicialmente, ao que parece, à UPA e logo em seguida junta-se ao MPLA.

Em finais de 1961, é enquadrado no Comité Director daquele Movimento participando numa das reuniões da direcção em Léopoldville em finais de Novembro do mesmo ano.

Em Maio de 1962 faz parte do efémero Comité Director criado antes da Conferência de Dezembro do mesmo ano.

Em Fevereiro de 1963 está em Argel (provavelmente com o Presidente Agostinho Neto), dando uma entrevista ao jornal *Révolution Africaine* em que relata a situação existente nas áreas dos Dembos e de Nambuanguo. Naquele país, junta-se aos combatentes angolanos que treinam no campo de Tlemcen.

Durante a Reunião Alargada de Dirigentes de Fevereiro de 1966 é nomeado membro do Comité Director e Coordenador da Comissão Directiva da 1ª Região Militar. Passa então a realizar e dirigir as principais actividades a partir de Léopoldville/Kinshasa.

Em Novembro de 1966, com outros dez militantes do MPLA, é raptado e preso pela FNLA em Kinshasa e transferido para a base de Kinkuzu. Com alguns dos detidos, tenta ainda fugir, mas são apanhados. Tendo dirigido a operação clandestina em Kinshasa, e sido preso antes da passagem do Camy, está evidente que não revelou nenhum dos segredos da operação em curso.

As cinco raparigas depois de presas, ainda estão com ele em Kinkuzu, bem como o José Pascoal “Gackson” e outros, detidos já depois da passagem do Esquadrão.

Tudo indica ter desaparecido na mesma altura que as cinco mulheres.

ANEXO 3

CARTA DE ETIENNE TSHISEKEDI A JUSTIN BOMBOKO

A 13 de Março de 1967, Etienne Tshisekedi⁶⁰ - Ministro do Interior envia uma nota oficial ao seu colega Ministro das Relações Exteriores, Justin Bomboko, com cópia para o Ministro da Defesa Nacional e o Chefe da Segurança, de que traduzimos na íntegra o conteúdo:⁶¹

“Sr. Ministro e Caro Colega

Tenho a honra de levar a seu conhecimento que sou constantemente pressionado por queixas provenientes da Direcção do MPLA, a propósito das detenções em cadeia que não deixam de realizar as milícias do GRAE, sob ordem do Senhor Roberto HOLDEN.

Os dirigentes, os membros, até os simpatizantes do MPLA vivem em total insegurança em nosso solo, onde, contrariamente a todas as regras internacionais em matéria de asilo político, o Chefe do GRAE se comporta como se dirigisse um Estado dentro de outro Estado.

Tenho conhecimento de vários membros do MPLA, entre os quais os senhores [as senhoras] DEOLINDA Almeida, IRENE Cohen, TERESA Afonso, LUCRÉCIA PAIM, ENGRÁCIA Santos, etc..., não só presos e lançados numa das estranhas prisões do GRAE, mas sujeitos a um tratamento de longe contrário às prescrições universais do Direito do Homem.

Foi-me assinalado, e é isso que é mais grave - que estas detenções se realizavam com a bênção ou concurso de soldados do ANC [Armée Nationale Congolaise – Exército Nacional Congolês] e agentes da nossa Segurança Nacional.

Foi-me igualmente assinalado que o Senhor Luís de AZEVEDO JUNIOR, membro do Comité Director do MPLA encarregado das Relações Exteriores em visita a Kinshasa, foi objecto de uma tentativa de rapto por um comando circulando em três viaturas do ANC nº 12844, 1803 e 1488!

Assinalo-lhe, Caro Colega, que esta situação torna-se perigosa e já a desaprovei várias vezes.

A imprensa, seja ela nacional ou internacional, não deixa de alertar a opinião sobre esta infeliz situação.

⁶⁰ Etienne Tshisekedi: Nascido em 1932, originário do Kasai-Oriental (RDC), antigo Director da Escola Nacional de Administração do Congo, torna-se Ministro do Interior de Mobutu logo após o golpe de Estado de Novembro de 1965, até 1968. Foi co-fundador do Partido de Mobutu - o MPR. Tornar-se-à um opositor a Mobutu, tendo sido várias vezes detido e, presentemente, à frente do seu Partido - UDPS, faz parte do Governo de Transição da RDC (*Potentiel*- 20/01/2003 e www.udps.org)

⁶¹ Nota nº CAB/221.00.GC.02/00381/67 Com carimbo de “Prioridade absoluta” (em Francês).

Como se trata de um problema que interessa particularmente o seu Departamento, peço que me comunique o mais brevemente [possível], a sua concepção sobre esse assunto.

É de qualquer forma inadmissível que um Governo no exílio possa, no nosso solo, comportar-se como se não tivéssemos as nossas instâncias judiciais e os nossos estabelecimentos penitenciários. Conto ardentemente com o benefício da urgência.

O MINISTRO DO INTERIOR E ASSUNTOS COSTUMEIROS
DR. E. TSHISEKEDI.

ADENDA: A PROPÓSITO DA RECOLHA ORAL

A cada dia que passa vai se perdendo a possibilidade de conservar lembranças de milhares de participantes da luta para a libertação nacional, não só porque nos vão deixando, mas também porque a memória se vai perdendo, tornando muitas vezes sonhos em realidades, ou confundindo acontecimentos no espaço e no tempo...

Destes participantes, uns militam em diferentes partidos, outros estão dedicados aos seus afazeres, outros simplesmente reformados (maioritariamente numa miséria indigna) mas, sobretudo, muito poucos têm tido a preocupação, possibilidade, vontade ou capacidade de escrever ou dar a conhecer as suas memórias.

Ainda se está em tempo de o fazer. Ainda se tem possibilidade de esclarecer e enriquecer muitos aspectos relacionados com a nossa luta de libertação, aproveitando a sua presença.

Os poucos documentos existentes e conhecidos não são suficientemente esclarecedores de muitas das etapas vividas, são muitas vezes portadores de muitas deturpações (tal como as fontes orais). Só que enquanto uns podem ser conservados e revistos no tempo, tal não se passa com a fonte oral.

A quem cabe a responsabilidade desta tarefa?

Existe a preocupação individual do historiador, do jornalista, do antigo combatente e outros, que vão fazendo as suas pesquisas individualmente. É sem dúvida um contributo importante que até deveria ser estimulado.

Mas será que o voluntarismo de cada um é suficiente?

A investigação histórica, mais concretamente a do período de Libertação Nacional, com as implicações de tempo que apresenta quanto às fontes orais, transcende a simples vontade individual. É uma responsabilidade do Governo.

Será responsabilidade do Ministério da Cultura / Arquivo Histórico? Do Ministério dos Antigos Combatentes? Do Ministério da Informação? Do Ministério da Defesa? Das diferentes Associações? Dos Partidos Políticos? Dos Institutos ligados à História ou à Defesa?

Todas as estruturas acima referenciadas, e provavelmente outras (Igrejas, etc...), têm a sua parte de responsabilidade na implementação desta tarefa.

A Cultura, pela responsabilidade na investigação, conservação e divulgação da nossa história;

Os Antigos Combatentes e diferentes Associações, pela base de dados biográficos e o controlo físico dos antigos combatentes;

A Informação, pelo arquivo áudio e fílmico que possui e pela capacidade de recolha e divulgação;

A Defesa e os Partidos Políticos, porque não só possuem igualmente base de dados biográficos dos militares (ou guerrilheiros), como também possuem um manancial de documentos do período colonial em Angola e mais facilidade para a obtenção de dados no estrangeiro;

Os Institutos porque podem colaborar na arrumação, qualificação, estudo e divulgação da informação obtida durante o referido período.

Cabe a quem de direito encontrar as formas práticas da sua materialização e da sua coordenação.

Provavelmente um debate mais aprofundado sobre esta questão poderá trazer rapidamente contribuições valiosas para se encontrarem as melhores vias de recolha oral de dados (e, porque não, documentos e fotografias) e permitir que se faça história de um período que marcou não só o país, como o continente, e até vários países do mundo, antes que se fique simplesmente reduzido à documentação.

Paulo Lara (Luanda, Março de 2004).